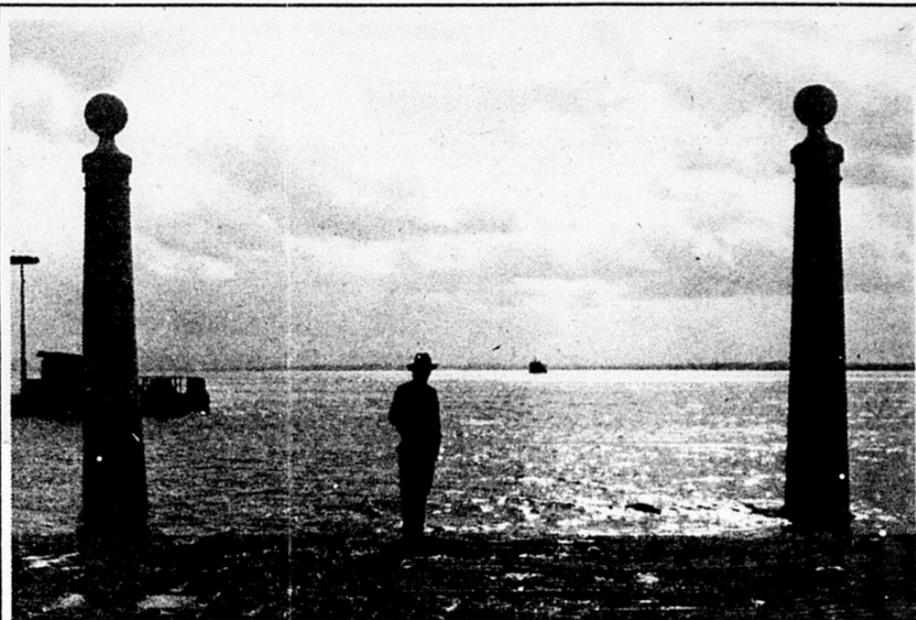




O que leva uma pessoa a querer ser Pessoa? O que há de fascinante nesta figura

austera e apagada contradizendo a ânsia de uma obra feita de provocação? Dividido entre a entrega dedicada ao estudo e a caricata banalização do fetiche, Pessoa vive na morte o seu maior desafio visões



Entre o estudo da obra e a banalização comercial alguém vai escolher por Pessoa?

ENTRE os esotéricos praticantes que denunciam todos os estudos já publicados sobre Fernando Pessoa como «meramente parcelares» e empresas privadas que fazem da imagem do poeta um utensílio publicitário para lançar café de máquina, entre a roupa escura e os redondos óculos «à Pessoa» e as «performances» em que alguém se mascara de Fernando e sai à rua, o autor de Mensagem vive na passagem deste centenário a sua mais renhida disputa: que entre o aprofundamento do estudo da obra e a caricata banalização comercial não seja encontrado o ponto de equilíbrio.

Mas o que há de invejável em Pessoa? O que leva uma pessoa a querer ser Pessoa? Para Yvette Centeno, uma das mais prolíferas estudiosas da obra do poeta, a verdadeira questão consiste em deslindar não o que é invejável mas o que é fascinante nele: «Podemos sentir-nos fascinados pela obra do autor ou pela sua vida sem necessariamente a invejar. Pode parecer arrogante, mas não sinto necessidade de ser Fernando Pessoa. Não sinto inveja do que ele foi mas sinto-me fascinada e tenho uma admiração infinita pela sua obra».

É a aparente contradição entre uma vida austera, de grande simplicidade, modéstia e apagamento e uma ânsia de uma obra que é toda feita de provocação que, segundo Centeno, assinala o pomo da curiosidade dos seus leitores por Fernando Pessoa enquanto personagem: «A juventude de hoje sente-se atraída por Pessoa mas não é pela personagem, não é pelo poeta enquanto homem (que foi apagado, discreto e modesto no seu quotidiano, na sua simplicidade de vida) mas será certamente pela riqueza genial da sua obra. Esse fascínio vem do facto de ela ter sido de uma modernidade tal, no momento em que surgiu como ainda hoje, que sempre que precisamos de a re-ler, ou sempre que precisamos de a relembrar, descobrimos aí uma constante fonte de inspiração que não se desactualiza, e essa é a marca dos grandes génios. Só os grandes génios é que não se desactualizam».

É sabido, porém, que o próprio Fernando Pessoa «embarcou» em modas, como as explosões futuristas e vanguardista. Para Yvette Centeno esses casos não são sintomáticos: «Ele diz claramente, a certa altura, que cortou com os exercícios dos 'ismos', ou

seja, que se afastou dos movimentos que teorizam à partida, para se entregar à expressão daquilo que é vivência profunda. Talvez por isso Pessoa não é datável e será sempre o poeta de cada geração que o for ler».

Mas, à excepção de Miguel Yeco que institucionalizou a figura de Fernando Pessoa como manifestação artística em si mesma, existem admiradores incondicionais querendo ser, em tudo, como o Supra Camões? Pedro Teixeira da Mota, esoterista estudioso da obra ocultista pessoana, admite que sim: «O Pessoa como moda é uma característica deste tipo de sociedade e deste tipo de informação. Não acho mal que tais casos ocorram se ao mesmo tempo forem veiculados os aspectos mais profundos que existem nele, bem como uma consciência crítica do que é positivo e negativo». Quanto a Centeno, assu-

mir uma sociedade que alimenta as suas «estrelas» é constatar o facto irreversível: «Fala-se hoje de usar óculos 'à Pessoa', mas também há cintos 'à Elvis'. Quando alguém de repente cai na moda, e os 'media' tomam conta desse alguém, a dita figura automaticamente se banaliza e comercializa. É óbvio que agora, por altura do centenário, se alguém resolver produzir 't-shirts' ou camisas com a figura do Pessoa elas se venderão às centenas, mas se as fizerem com o carimbo do Eusébio vendem-se na mesma. Isso passa por outro aspecto que é o da comercialização de um autor de quem se celebra o centenário do nascimento. São fenómenos que têm a ver com o típico da vida moderna, que é o de facilmente banalizar e comercializar as suas estrelas. Mas isso não tem nada a ver com a profundidade ou a genialidade da obra. Acontecerá com um

futebolista, acontecerá com um jogador de golfe, acontecerá com o Julio Iglesias e acontece com o Pessoa. Não é coisa que tire ou ponha nada ao valor da obra ou da personagem em si mesma».

O reino do fetichismo

No caso de Pessoa há quem veja neste assalto do «marketing» e da sua promoção o perigo de uma situação até há pouco impensável: a de que o fetichismo da moda possa desvirtuar o valor intrínseco da obra. Para Yvette Centeno, esse perigo é inexistente pela simples razão de que Pessoa estará inequivocamente morto: «Neste momento, Pessoa está entre parentesis em relação a estes fenómenos de comercialização. No fundo, talvez possa fazer perigar uma certa seriedade com que devemos encarar o estudo de uma obra literária deste valor

ou fazer correr o risco de qualquer um poder dizer qualquer coisa sobre seja o que for e isso, do meu ponto de vista de universitária, é um risco. Mas não será interessante nem útil porque não se prende com a verdadeira curiosidade para com a obra mas antes para com os fenómenos próprios do 'marketing' e da publicidade».

Pessoa, de facto, parece ser uma das mais recentes aquisições do universo publicitário: «Mas é próprio da nossa época, refere Yvette Centeno. O marketing e a publicidade estão ligados a tudo. Por exemplo, a Câmara Municipal de Lisboa tem vindo a dar, e pelos vistos continuará a dar, uma grande promoção à volta da vida e da obra de Pessoa, não porque de repente a nossa Câmara se tenha tornado mais culta mas porque isto propicia a própria imagem da edilidade. O que acontece nos centenários e nos cin-

quentenários é que, através dos 'media', se autopromovem entidades outras e fenómenos outros que nada têm a ver com o estudo apaixonado e sério que algum autor nos mereça. Mas como o Pessoa já não sofre com isso não tem mal nenhum que aconteça. Pode até fazer com que mais livros do Pessoa se vendam e até propiciar um ou outro acontecimento de nível artístico interessante, mas eu diferencio o tal nível artístico da banalização do fetiche. É o mesmo que fazer a comemoração dos Descobrimentos e colocar uma pequena caravela em cada embalagem de detergente, que é o lado banal das celebrações».

Mas, com a irreversibilidade do processo iniciada com as comemorações do centenário da morte do poeta, em 1985, outras vozes se levantam reivindicando incongruências na pesquisa e no

(Continua na pág. 54-R)



Yvette Centeno: «Não sinto necessidade de ser Pessoa». Miguel Yeco: institucionalizar a figura do poeta como manifestação artística em si mesma

Fotos: António Pedro Ferreira

O temor da morte e o amor da vida

(Continuação da pág. 53-R)

efeito da obra de Pessoa por parte dos estudiosos «oficiais». Um dos aspectos mais controversos da obra do poeta é o ocultista. Para o tentar desvendar está prevista para a próxima semana a publicação de uma colectânea de textos esotéricos de Fernando Pessoa, na sua esmagadora maioria inéditos, e da responsabilidade de Pedro Teixeira da Mota. Para ele, a influência de Pessoa nos seus leitores, quer enquanto figura quer enquanto obra, não é ainda clara «porque até agora os tratamentos foram muito parcelares. Para conhecer a fundo a obra de Pessoa seria necessário que essa equipa de estudiosos possuísse profundos conhecimentos teóricos e práticos do esoterismo».

Mas que caminhos tomou aquele que escreveu: «Eu não evoluo, viajo», até chegar a vencer o «temor da morte e o amor da vida»? Teixeira da Mota tenta deslindar o trajecto ocultista do poeta de Mensagem.

A inclinação para a verdade

«Ele começou, diz-nos Teixeira da Mota, por uma curiosidade muito precoce e aos dez anos já se interessava pelo estranho e pelo misterioso, como o demonstram poesias dessa altura. O aspecto religioso também o motivava e pude consultar a sua biblioteca onde encontrei livros de novecen-

tas e mais páginas anotados em nome de Alexander Search, incidindo sobre aspectos do cristianismo e do protestantismo. É possível compreender pelos papéis que deixou que resolveu adquirir um conhecimento aprofundado de uma visão mais forte da religião e ler um ou dois livros sobre questões mágicas, por exemplo, os rosacruzes e o Egipto».

Com o regresso definitivo a Portugal o jovem Pessoa é convidado para traduzir diversos livros teosóficos e, ao entrar em contacto com uma sistematização mais completa do ocultismo, surge o embate: «Esse encontro marca-o porque, com a sua inteligência, ele já estava na pista de um paganismo transcendental. Depois ocorre uma grande luta entre as conclusões a que ele tinha chegado através desse paganismo e os aspectos esotéricos e iniciáticos que a teosofia veiculou. A sua primeira reacção foi rejeitar a teosofia, mas era de tal modo forte nele a inclinação pa-

ra a verdade que Pessoa foi continuando a investigar, enveredando então pelas linhas rosacruz, templária e gnóstica. Nessa altura as posições pagãs vão diminuindo: Alberto Caeiro morre rapidamente, Reis diminui o seu ritmo de escrita e, no fundo, quem sobrevive é o esotérico ele próprio (que está sempre a escrever e nos últimos meses de vida ainda encomenda livros esoteristas) e Álvaro de Campos».

Esse combate entre o esoterista e o poeta é, segundo a visão de Teixeira da Mota, uma das causas da «morte» de Fernando Pessoa: «Sim, de facto a inexistência desse equilíbrio de forças é a causa de uma certa morte, do álcool, impedindo que ele atingisse uma felicidade e uma iluminação que quem quer que entre no esoterismo com uma certa força pode aspirar a obter. Creio que a posição de Pessoa é a de quem vai procurar investigar com a sua inteligência os aspectos do ocultismo, tomando-o como uma doutrina que tem uma série de



Os primeiros anos em Lisboa: «Ele já estava na pista de um paganismo transcendental»

princípios que depois são hipóteses de trabalho, intelectuais e intuitivas. Ele, intelectualmente, apercebeu-se que muitas daquelas coisas funcionavam. O Pessoa não duvida que existe a reencarnação, a vida depois da morte...

agora o que ele não possuía era a visão clara disso. Um dos valores do esoterismo nele acaba por ser a procura de uma teorização de uma forma de desenvolver a intuição». Existem provas de que Fernando Pessoa não

constava morrer tão cedo. Em alguns textos astrológicos, o poeta «faz contas» em relação à vida futura para anos muito posteriores a 1935. «Falei com a irmã dele, refere Teixeira da Mota, e ela disse-me que o Pessoa tinha um certo medo da morte o que, esotericamente, não faz muito sentido. Suponho que era um medo mais visceral e físico, até porque em 1933 ele escreve que uma das condições para se atingir o grau de mestre da Ordem Templária de Portugal é vencer o 'temor da morte e o amor da vida'. Nesse ano ele diz tê-los vencido...»

O novo clima que o aparecimento de revoluções quanto ao universo esotérico de Pessoa podem propiciar não faz esquecer um outro ambiente, muito mais forte, que é o da aceitação mundial do poeta, transformando as comemorações do centenário num acontecimento de imenso eco internacional. Com manifestações condignas, ou demonstrações de caricato fetiche, passaremos por elas o melhor que pudermos desde que o importante seja, como o acentuou Yvette Centeno, que se propicie o conhecimento da obra «porque o Fernando Pessoa merece».

«Desenhos (Dois)», de Mário Botas. A visão de Bernardo Marques: «Ele tinha medo da morte»

